



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

BRUNA CAROLINA GIRO

**ARTE E O FEMININO: Paula Rego e a Contextualização de suas Pinturas na  
Tradição Portuguesa**

SÃO CARLOS - SP  
2024

BRUNA CAROLINA GIRO

**ARTE E O FEMININO: Paula Rego e a Contextualização de suas Pinturas na  
Tradição Portuguesa**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Licenciatura em  
Letras (Português-Espanhol)  
da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar,  
para obtenção do título de Licenciado em Letras.  
Orientador: Prof. Dr. Daniel Laks

SÃO CARLOS - SP  
2024

me levanto  
sobre o sacrifício  
de um milhão de mulheres que vieram antes  
e penso  
o que é que eu faço  
para tornar essa montanha mais alta  
para que as mulheres que vierem depois de mim  
possam ver além  
– legado

- **Rupi Kaur**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço sinceramente ao meu orientador, Daniel Laks, pela notável paciência e orientação ao longo desses últimos anos, conduzindo-me a uma escrita concisa e crítica sobre temas de grande relevância para mim, como a arte e o feminismo. A Narian Macedo, por concordar em integrar a banca, pela leitura atenta e, não menos importante, pela sugestão de aprimoramentos para o trabalho. Expresso minha gratidão à minha psicóloga, que, a cada sessão, me motivou a concluir este TCC. Reconheço o esforço dedicado de meus pais, Arlita e Osmar, que trabalharam arduamente ao longo dos anos para proporcionar uma educação de qualidade a seus filhos, permitindo-nos perseguir nossos propósitos. Um agradecimento especial ao meu irmão Pedro, meu melhor amigo e porto seguro em momentos de crise. Por fim, expresso minha última gratidão às minhas amigas Gabi e Jessy, cujo apoio constante tem sido fundamental.

## RESUMO

Este trabalho propõe uma análise crítica do papel da mulher nas artes, com ênfase nas esferas literária e plástica, ressaltando a sua sub-representação na história e como tem sido a quebra da desigualdade de gênero. Para ilustrar esse fenômeno, são exploradas as obras da artista plástica Paula Rego, examinando seu engajamento crítico em relação à sociedade portuguesa e suas tradições através de suas pinturas e críticas voltadas à obra *O Crime do Padre Amaro*, com foco na representação do corpo feminino e na abordagem da temática do aborto.

Palavras-chave: Paula Rego. Arte feminina. Corpo feminino. Tradição portuguesa. Esferas literárias.

## **ABSTRACT**

Este trabajo propone un análisis crítico del papel de la mujer en las artes con énfasis en las esferas literaria y plástica, destacando su infrarrepresentación en la historia y cómo se ha roto la desigualdad de género. Para ilustrar este fenómeno, se exploran las obras del artista Paula Rego, examinando su compromiso crítico con la sociedad portuguesa y sus tradiciones a través de sus pinturas y la crítica de la obra *El Crimen del Padre Amaro*, centrándose en la representación del cuerpo femenino y el abordaje del tema del aborto.

Palabras clave: Paula Rego. Arte femenino. Cuerpo femenino. Tradición portuguesa. Esferas literarias.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>MULHERES NA ARTE</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>A CRÍTICA ALÉM DA ESCRITA: A INTERAÇÃO ENTRE LITERATURA E PINTURA</b>	<b>27</b>
<b>4</b>	<b>A ARTE E O FEMININO</b>	<b>31</b>
<b>5</b>	<b>PAULA REGO E SUAS PINTURAS NA TRADIÇÃO PORTUGUESA</b>	<b>37</b>
5.1	<b>A crítica social de Paula Rego e suas pinturas em “O Crime do Padre Amaro, de Eça de Queiroz</b>	<b>40</b>
5.2	<b>Como as Obras de Paula Rego contextualizam com a Legalização do Aborto em Portugal</b>	<b>45</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>52</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Ao realizarmos uma busca rápida sobre grandes artistas, nas artes plásticas, por exemplo, iremos encontrar, em sua maioria, nomes de homens como Pablo Picasso, Vincent Van Gogh, Salvador Dalí, Leonardo da Vinci, Michelangelo. O mesmo se aplica à história da literatura, onde encontramos nomes como Machado de Assis, Franz Kafka, Fiódor Dostoiévski, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, entre outros milhares de artistas que revolucionaram a literatura e as artes plásticas, sobretudo as ocidentais. Mas e as mulheres? Qual o papel social da mulher em movimentos artísticos? Embora muitas vezes tenham sido sub-representadas ou marginalizadas nos registros históricos e nas narrativas dominantes, o que se deve a uma série de fatores, incluindo a desigualdade de gênero e as restrições sociais que historicamente limitaram o acesso das mulheres à educação formal, à visibilidade pública e às oportunidades artísticas, as mulheres possuem um papel primordial nas artes e esse papel tem sido conquistado através de muita luta.

Durante centenas de anos a mulher foi vista como o arquétipo da perfeição, sendo sua idealização feita exclusivamente por homens que a retratavam em suas obras, definindo seu corpo e sua forma, assim como o conceito de beleza ideal, de mulher ideal. Poucas foram as mulheres que cortaram as amarras sociais de suas épocas, enfrentando preconceitos para serem aquilo no qual lutavam: artistas e críticas intelectuais. E, apesar das barreiras, várias mulheres artistas fizeram contribuições notáveis e influentes para a arte e a literatura. No campo das artes plásticas, exemplificativamente, podemos citar nomes como Frida Kahlo, pintora mexicana mundialmente conhecida por seus autorretratos, e que, posteriormente foi reconhecida como ícone da moda e do movimento feminista, entretanto, pouco relacionada a essas questões durante a sua vida. No livro *“Frida: a biografia”* de Hayden Herrera (2011), a pesquisadora traz, de forma implícita e sem que a própria Frida se posicionasse a respeito, um viés feminista:

De acordo com a amiga de Frida, Annette Nancarrow (entrevista particular), Kahlo cortava os cabelos e usava roupas de homem para enfatizar sua identidade como pessoa independente, dedicada à própria carreira. Era, no dizer de Nancarrow, “uma negação de seu papel mais passivo de esposa e mulher bem-vestida”. Contudo, se é fato que Frida usava calças de brim para trabalhar e alardeava sua decisão de ganhar a vida e se sustentar com sua pintura, parece

pouco provável que ela tivesse motivos conscientemente feministas para envergar roupas masculinas. (HERRERA, 2011, p. 463)

O mesmo se aplica às questões do corpo nu, da sexualidade e do aborto. Ainda que coloquemos a artista em papéis relevantes para o movimento feminino e feminista, em suas biografias não há menções explícitas acerca dos temas, mas podemos ver vestígios de um empoderamento que, na contemporaneidade, seria um dos símbolos de força feminina:

[...] Sua arte não era produto de uma desiludida cultura europeia em busca de uma válvula de escape dos limites da lógica por meio da sondagem do subconsciente. Ao contrário, sua fantasia era produto de seu temperamento, vida e lugar; era uma maneira de chegar a bom termo com a realidade, não de ultrapassar a realidade e chegar a outros domínios. Seu simbolismo era quase sempre autobiográfico e relativamente simples. Embora as pinturas de Frida servissem a uma função privada, Frida tencionava que, como os murais, fossem acessíveis em seu significado. A magia da arte de Frida não é a magia de relógios derretendo. É a magia de seu anseio para que suas imagens tivessem, como ex-votos, certa eficácia: ela esperava que afetassem a vida. Frida explorava a surpresa e o enigma da experiência imediata e de sensações reais.

Os surrealistas inventavam imagens de sexualidade ameaçada. Frida fazia imagens de seu próprio sistema reprodutor arruinado. Quando, em Raízes, de 1943, ela uniu seu corpo a uma trepadeira verde (ilustração xxvii), estava comunicando um sentimento pessoal específico — uma mulher sem filhos ansiando pela fertilidade. Sua emoção é absolutamente clara. O erotismo corria mais nas veias de Frida do que em sua cabeça — para ela, o sexo era mais um fato da vida do que uma mistificação freudiana. [...] (HERRERA, 2011, p. 183)

Na literatura também houve muitas mulheres escritoras que tiveram um papel crítico em movimentos artísticos. Jane Austen, por exemplo, renomada escritora inglesa do século XIX, cujos romances realistas exploravam as complexidades das relações sociais e familiares da época. Embora suas obras tenham sido frequentemente associadas à literatura feminina e à ideia de "romance de salão", elas oferecem uma análise aguçada da sociedade e críticas sutis às normas de gênero. Para Catherine Reef, em sua obra "Jane Austen: uma vida revelada" (2014), a escritora "[...] apresenta uma visão desacreditada de uma sociedade em que o dinheiro tem mais valor do que o caráter e as pessoas fazem o melhor que podem para esconder os seus sentimentos daqueles com quem se relacionam." (REEF,

2014, p. 20). Austen, para fazer história, por um golpe da vida, abdicou do casamento e se dedicou arduamente aos seus romances críticos, o que, para sua época, foi um grande ato revolucionário, já que a mulher era preparada desde muito cedo para ser esposa e mãe. Não tão distante de nós, cronologicamente falando, temos a escritora contemporânea Carolina Maria de Jesus, que superou inúmeras adversidades e através de um diário de suas vivências foi descoberta e tornou-se uma das escritoras mais estudadas na atualidade. Sua obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960) deu voz à realidade das pessoas marginalizadas, explorando temas como pobreza, raça e desigualdade social. Carolina Maria de Jesus, escritora negra, semianalfabeta, mãe solteira e favelada, desafiou as convenções sociais e literárias, e seu trabalho teve um impacto significativo na luta contra o preconceito racial e econômico no Brasil, ainda que seu reconhecimento tenha sido póstumo e suas obras sejam abordadas exclusivamente no meio acadêmico. De acordo com o artigo sobre a autora abordado no Portal Literafro e sob coordenação do Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte (USP, 1991), conforme citado por Farias (FARIAS, 2020, p. 190), as obras e a autora têm um papel significativo para o entendimento e estudo da sociedade marginalizada, sobretudo as mulheres:

Carolina Maria de Jesus, com seu pensamento singular, sua escrita simples, deixou um legado eivado de desafios e alertas, de indignações e dúvidas. E através da leitura das notas do seu diário, fica-se a certeza de que uma mulher sem igual existiu de fato e de direito entre nós, para simbolizar a luta sofrida, não só das mulheres pobres e humildes, mas a luta em prol do dia seguinte, do dia necessário para sobreviver, do dia sem vencedor e sem vencidos. [...] Carolina Maria de Jesus representou essa mulher, que transformou uma atitude corriqueira que é o ato de escrever, na bandeira contra a fome e a miséria, bandeira essa que tremula, como um estandarte, protegendo as cabeças dos fracos e oprimidos, dos que, como ela, envergaram a espinha para ganhar a vida, nos lixões de cada esquina, nas obras do metrô, nos garimpos, nas aberturas de estradas que, infelizmente, levaram este país para lugar nenhum. (FARIAS, 2020, p. 190)

É importante reconhecer que, embora essas mulheres tenham alcançado grande sucesso e tenham sido pioneiras em suas áreas, elas ainda eram pouco reconhecidas em uma sociedade que limitava as oportunidades e a visibilidade das mulheres. Felizmente, a luta pela igualdade de gênero e o reconhecimento do trabalho das mulheres têm avançado ao longo do tempo, e hoje temos cada vez mais vozes femininas influentes nas artes e em outras esferas. Jane Austen,

Carolina Maria de Jesus e Frida Kahlo fazem parte de uma pequena parcela de mulheres que, apesar das adversidades e do reconhecimento limitado em vida, deixaram um legado que continua a inspirar gerações subsequentes de mulheres artistas, a desafiar as normas de suas respectivas épocas e a contribuir de forma crítica para a arte e a literatura da atualidade. Entretanto, muitas das artistas femininas tiveram suas artes limitadas por uma questão de gênero: ou seu público majoritariamente era feminino ou suas obras eram vistas como meros romances “água com açúcar” ou pinturas de paisagens, o que reforça ainda mais a primeira hipótese. Flávia Leme de Almeida, em seu livro *Mulheres recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais* (2010) traz, a partir de uma pesquisa histórico-analítica, a mulher como artista e manifesta:

A arte dita ‘feminina’ foi tema de muitas pesquisas entre as décadas de 1960 e 1980. Eram mulheres pesquisadoras interessadas em levantar uma história que deu nenhuma ou pouca chance às artistas. Escritoras como Pollock e Parker (1981) demonstraram que em alguns momentos foram feitas concessões para que a mulher pudesse ter uma carreira artística. Nesses casos, muitas das vezes, era preciso que ela abdicasse sua condição feminina ou mesmo tivesse que produzir obras que reforçassem a representação da figura da mulher como virgem, esposa ou mãe - uma iconologia do papel social da mulher vigente durante centenas de séculos. (LEME DE ALMEIDA, 2010, página 19)

Abordar a presença da mulher no mundo da arte nos leva a uma profunda análise da interseção entre a expressão poética e a representação do feminino em nossa sociedade. Nesse contexto, é inegável que a figura da mulher artista ainda desperte interesse específico em pesquisadores e investigadores, revelando a complexidade das questões envolvidas, assim como a desconstrução de qual seria o papel da mulher na sociedade moderna, sobretudo a dessexualização de seus corpos, e esses são apenas alguns exemplos de mulheres artistas que conseguiram se expressar e deixar um legado duradouro, apesar das limitações impostas pela sociedade. A mulher como criadora e intérprete de obras artísticas tem desempenhado um papel significativo ao longo da história, mas sua trajetória muitas vezes foi obscura por estereótipos de gênero arraigados. Embora tenhamos feito avanços notáveis na superação dessas barreiras, é inegável que a arte associada ao universo feminino continue a intrigar e desafiar as normas estabelecidas. Felizmente, ao longo do tempo, houve uma maior valorização e reconhecimento das

contribuições das mulheres para a arte, e hoje existem muitas artistas femininas talentosas e influentes em diversos campos artísticos. No entanto, ainda é importante continuar lutando contra os estereótipos de gênero e garantir igualdade de oportunidades para todas as artistas.

Portanto, neste estudo, realizaremos uma análise crítica abrangente, examinando o papel da mulher na sociedade por meio das lentes da arte, com um foco específico na literatura e nas artes plásticas. Este trabalho de conclusão de curso visa aprofundar nossa compreensão dos desafios enfrentados pelas mulheres ao longo da história e como essas questões se manifestam na expressão artística. Para sustentar nossa investigação, recorreremos a uma série de fontes acadêmicas e trabalhos relevantes.

Em primeiro lugar, é crucial questionar e desconstruir a maneira como as mulheres foram retratadas na arte e o papel que lhes foi atribuído em uma perspectiva patriarcal. Neste contexto, os estudos de Linda Nochlin, como "Por que não houve grandes artistas femininas?" (1971), são referências essenciais para entender como a marginalização das mulheres na história da arte tem raízes profundas. Também é relevante explorar o conceito de "olhar masculino" e como as mulheres foram frequentemente objetificadas na representação artística.

O foco central deste trabalho de conclusão de curso será a desconstrução da representação da mulher como objeto, especialmente destacando sua sexualização nas esferas das artes plásticas e literárias. Para atingir esse objetivo, dedicaremos uma análise às obras da artista plástica portuguesa, Paula Rego, e ao seu engajamento crítico em relação à sociedade portuguesa e suas tradições. Dentro desse contexto, investigaremos seu trabalho com um destaque particular para sua interpretação e abordagem da temática da violação do corpo feminino, evidenciada no livro *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz.

Adicionalmente, abordaremos um tema sensível e potencialmente relacionado à questão da autonomia das mulheres: o aborto e sua legalidade. Reconhecendo que essa é uma das questões mais debatidas e urgentes na sociedade contemporânea, buscaremos iluminar os argumentos que sustentam a necessidade de sua descriminalização. Através desta análise, contribuimos para o diálogo em curso sobre os direitos reprodutivos das mulheres e como a arte e a literatura podem influenciar esse debate de maneira significativa.

A presente estrutura deste trabalho de conclusão de curso foi cuidadosamente delineada com a intenção de fornecer uma abordagem concisa, mas clara na investigação da interação entre arte, o feminino e feminista e a crítica social, com uma abordagem particular no contexto da legalização do aborto em Portugal. Os capítulos introdutórios têm como finalidade estabelecer um sólido alicerce teórico para o trabalho de conclusão de curso. *Mulheres na Arte* mergulha na evolução do papel das mulheres nas diversas manifestações artísticas ao longo da história, apresentando uma análise sobre como as mulheres têm sido representadas e tratadas no universo da criação artística, com embasamento em teorias feministas da arte, como as de Linda Nochlin, Griselda Pollock e Flávia Leme de Almeida. Já em *A Crítica Além da Escrita: A Interação entre Literatura e Pintura*, exploraremos as relações entre literatura e pintura, abordando a influência recíproca entre essas formas de expressão e destacando como essa interação se traduz na amplificação de questões sociais.

Para aprimorarmos a abordagem do tema central, no capítulo *A Arte e o Feminino*, percorremos a relação que existe entre a representação do feminino nas artes e os motivos subjacentes, como a arte como movimento feminino e feminista, trazendo como exemplo o grupo Guerrilla Girls para examinarmos detalhadamente como a arte tem sido uma plataforma crucial para o movimento feminino e feminista.

O segundo capítulo do trabalho é o nosso ponto chave, intitulado *Paula Rego e suas Pinturas na Tradição Portuguesa*, concentra-se de forma específica na análise das obras de Paula Rego em relação ao romance de Eça de Queiroz. O capítulo em questão aborda a influência da artista Paula Rego na tradição portuguesa, explorando sua profunda conexão com contos populares, mitos e a história cultural de Portugal. A pintura de Rego é caracterizada por sua capacidade única de dar vida a narrativas complexas, especialmente em retratos de mulheres, refletindo uma compreensão profunda da psicologia feminina e da condição humana. Os seguintes tópicos destacam a análise da obra de Paula Rego feita por Ruth Rosengarten através de uma abordagem crítica da artista em relação ao Estado Novo em Portugal, utilizando a família como dispositivo simbólico para examinar as tensões sociais e políticas da época. A influência do pai na esfera familiar é explorada, revelando as complexidades das relações familiares sob o regime

opressivo. A conexão entre a obra de Paula Rego e o romance *O Crime do Padre Amaro* de Eça de Queiroz será discutida, destacando a crítica do autor às instituições sociais e à moralidade portuguesa do século XIX. A análise mostra como Rego, por meio de suas pinturas, tece uma narrativa visual que dialoga com as críticas sociais presentes na obra literária, especialmente abordando questões de hipocrisia na igreja e as lutas enfrentadas por aqueles que desafiam as normas. Por fim, a seção final aborda como as obras de Paula Rego contextualizam com a legalização do aborto em Portugal. As pinturas da série *Aborto* são discutidas como uma resposta visual às transformações sociais e aos debates em torno dos direitos reprodutivos. Rego aborda a condição feminina e as questões sociais, explorando temas delicados e controversos, especialmente no contexto da legalização do aborto. Suas obras oferecem uma perspectiva única sobre a autonomia feminina e o direito de decisão sobre o próprio corpo, contribuindo para a discussão aberta sobre questões relacionadas aos direitos reprodutivos em Portugal.

Finalmente, nas *Considerações Finais*, consolidamos nossas descobertas e conclusões, resumindo os principais pontos estratégicos delineados ao longo do trabalho de conclusão de curso e refletindo sobre o impacto desta investigação na compreensão da intrincada interseção entre a arte, o feminino e a crítica social, especialmente no contexto da legalização do aborto em Portugal. Neste ponto, reafirmamos a relevância das teorias e análises apresentadas ao longo do trabalho, contribuindo assim para a ampliação do conhecimento acadêmico e da consciência social.

## 2 MULHERES NA ARTE

A representação da mulher nas artes remonta a eras muito anteriores ao Movimento Renascentista. Podemos encontrar, por exemplo, representações que datam de épocas pré-históricas, como é o caso da escultura Vênus de Willendorf, esculpida entre 28.000 e 25.000 anos antes de Cristo. Pesquisadores e arqueólogos afirmavam que essa escultura simbolizava a fertilidade e a abundância, já que exibia um corpo voluptuoso e seios generosos. Isso evidencia que a representação da feminilidade na arte é uma tradição que atravessa milênios de história. Stephen Farthing, no livro Tudo sobre Arte (2011), traz que, muito antes do aparecimento dos primeiros vestígios de arte na Grécia ocidental, civilizações muito mais antigas já produziam arte e representavam mulheres,

[...] sendo que a primeira delas foi a civilização das ilhas Cíclades, num arquipélago que fica no sudeste da Grécia continental. A partir de 3.000 a. C., uma onda de colonos da Ásia Menor começou a produzir uma variedade distinta de estatuetas usando o mármore da região. Muitas delas representam mulheres numa pose simples e ereta, com os braços cruzados em frente ao peito [...] (FARTHING, 2011, p. 25)

A mulher, desde os primórdios da representação era vista como objeto de observação, e em grande parte como ícone da perfeição feminina em um viés masculino. Após grandes transformações devido a Revolução Industrial, vemos no Impressionismo o início da mulher nas artes, agora não como objeto, mas como protagonista e própria executora de sua obra. A americana Mary Stevenson Cassatt (1844-1926), por exemplo, foi uma das três mulheres a ser convidada por Edgar Degas (1834-1917) a fazer parte da exposição dos impressionistas e a compor o grupo, em 1877, assim como a esposa de Eugène Manet, a francesa Berthe Marie Pauline Morisot (1841-1895). Segundo Farthing (2011), parte da arte impressionista compunha a representação do exterior, como campos e plantações, capturando a luz, a cor e suas nuances. No entanto, ser uma mulher artista naquela época tinha suas limitações:

Era vedado a Morisot e à americana Mary Stevenson Cassatt (1844-1926), como mulheres respeitáveis, pintar cenas da vida contemporânea como as que aparecem nas obras de seus colegas do sexo masculino. Ao contrário dos impressionistas homens, elas não podiam se sentar nas ruas, nos parques e nos cafés para pintar. Por

essa razão, os quadros dos membros femininos do círculo impressionista retratam sobretudo mulheres em ambientes domésticos como o budoar de *Moça se maquiando*, de Morisot [...], e em lugares públicos respeitáveis como o teatro em *No camarote*, de Cassatt [...] - em que uma dama elegantemente vestida assiste a um espetáculo noturno no Français, um teatro de Paris. (FARTHING, 2011, p. 319)

Entretanto, isso não foi o suficiente para que as mulheres passassem a frequentar clubes artísticos para discussões e suas obras eram limitadas, podendo apenas retratar suas vidas no lar enquanto mães e esposas. O acesso às academias de arte e instituições de ensino eram restritos para elas, e muitas vezes eram excluídas dos círculos artísticos e salões expressivos - Cassatt e Morisot foram exceção devido ao seu círculo de amigos -, além disso, os temas abordados em suas obras eram frequentemente limitados e relegados ao âmbito doméstico e feminino. A Revolução Francesa, um marco crucial na história política e social, desencadeou transformações profundas no entendimento e no status das mulheres na sociedade. Com o advento das democracias modernas, houve um despertar significativo para a necessidade de debater e redefinir o papel das mulheres na esfera pública. Segundo Losandro Antonio Tedeschi aponta no artigo *Os Direitos Humanos e as questões de Gênero* (2016), os revolucionários franceses defenderam a liberdade e a igualdade, mas negaram esses direitos às mulheres e as que protestavam eram ridicularizadas e vistas como perigosas devido aos estigmas de sensualidade e violência. Tedeschi (2016) diz que foi somente em 1791 que a exclusão das mulheres do poder político e social foi denunciada pela dramaturga, ativista política, feminista e abolicionista francesa Olympe de Gouges, escrevendo a *Declaração dos Direitos da Mulher* e defendendo a igualdade de gênero e a universalidade dos direitos, contribuindo para a concepção de homens e mulheres como pilares da nação.

Para entendermos como se deu a inserção da mulher no mundo das artes é importante compreendermos como foi a reivindicação de seus direitos dentro da sociedade ocidental, portanto, a luta das mulheres pela igualdade de gênero, não somente no universo artístico, mas principalmente em outras esferas sociais, tem suas raízes nas várias ondas do movimento feminista ao longo da história, sobretudo em três principais. Para a doutora em filosofia, Ilze Zirbel, no artigo *Ondas do Feminismo* (2021), as ondas de movimentos feministas não surgiram de uma única perspectiva ou grupo, mas sim de várias perspectivas e ações coletivas ao longo do

tempo. Um exemplo disso são as manifestações sufragistas do final do século XIX e início do século XX, que envolveram vários grupos de mulheres que se uniram para promover suas causas, sendo que muitos desses grupos se formaram na segunda metade do século XIX e realizaram protestos em diversos países a partir desse período.

A primeira onda, que surgiu no final do século XIX, marcou um ponto de partida significativo com o *Movimento Sufragista*. Nessa fase inicial, as mulheres buscavam o direito ao voto, bem como os direitos civis e políticos, desafiando as normas sociais da época e lutando pelo reconhecimento da igualdade de direitos para as mulheres. Essa luta pioneira está localizada nas bases para movimentos feministas subsequentes, cada uma construindo sobre as conquistas e desafios das gerações anteriores, moldando progressivamente a visibilidade e a igualdade das mulheres no mundo da arte e em todas as esferas da sociedade. Zirbel aponta que “Tal identificação é correta, mas, igualmente reducionista, uma vez que deixa de apontar a riqueza das pautas e lutas de inúmeros grupos de mulheres daquele período.” (ZIRBEL, 2021, p. 12). As mudanças políticas, jurídicas e trabalhistas resultaram em sociedades democráticas que favoreceram principalmente pequenos grupos de homens brancos e proprietários de indústrias em detrimento da maioria da população. Esses grupos definiram as regras em vários aspectos sociais e negaram às mulheres o direito de tomar decisões em qualquer área da vida social, incluindo suas vidas. Com isso, foi estabelecido um sistema econômico baseado na valorização do capital e na exploração da mão de obra da população, conhecido como capitalismo. Esse sistema se beneficiava do trabalho não remunerado das mulheres nos lares e da disparidade salarial entre os gêneros para gerar lucros. Ainda que a sociedade e os indivíduos dependessem do trabalho doméstico e das atividades de cuidado realizadas por mulheres, não atribuíam valor. Segundo Zirbel (2021), a primeira onda feminista surgiu gradualmente em vários países da Europa, Américas, Austrália, Nova Zelândia, Rússia, Bulgária, Ucrânia, Hungria, Checoslováquia, entre outros. Esse movimento foi marcado por intensas atividades de luta, incluindo associações de mulheres, panfletos, publicações em jornais, manifestações, greves, congressos e passeatas, sendo que:

Os temas de discussão e as reivindicações das feministas eram bastante diversos e diziam respeito à autodeterminação sexual, ao acesso a algumas profissões e melhorias das condições de trabalho

assalariado, ao acesso à educação formal e a um currículo escolar que não fosse voltado às atividades domésticas, à reforma do direito matrimonial (que subjugava as esposas aos maridos, permitia a expropriação dos bens das mulheres pelos esposos e um tratamento desigual diante do adultério, impossibilitava o divórcio etc.) dentre outros. Muitas feministas também estiveram envolvidas em outros movimentos sociais defendendo causas socialistas ou liberais, anarquistas, religiosas, higienistas, pacifistas, anti-escravistas etc. (ZIRBEL, 2021, p. 13)

A segunda onda do movimento feminista começa a ganhar destaque entre a Primeira Guerra Mundial e a Segunda, no qual muitas mulheres ocuparam empregos tradicionalmente masculinos na Europa e nos EUA, como bombeiras, mineiras, mecânicas, metalúrgicas, além de desempenharem papéis na produção nas áreas agrícolas, têxteis e saúde. Entre as guerras, as políticas natalistas foram adotadas e a maternidade se tornou um tema central nos debates públicos e feministas, gerando divisões de opiniões, fazendo com que as lutas feministas tivessem altos e baixos nesse período. Após a Segunda Guerra Mundial, alguns países responderam às pressões das mulheres, concedendo-lhes direitos, como o direito de voto (França em 1944, Itália em 1945, Bélgica em 1948, Croácia e Eslovênia em 1945, Albânia em 1946 e Iugoslávia em 1947). Em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos reconheceu a igualdade de gênero entre os interlocutores. No entanto, como aponta Zirbel (2021), houve esforços para persuadir as mulheres, especialmente as de classe média e branca, a voltarem aos papéis tradicionais de esposas submissas e donas de casa. Além disso, as posições de poder em diversos setores (política, moda, indústria, ciência, justiça, etc.) ainda eram predominantemente ocupadas por homens brancos com maior poder econômico.

Com os movimentos ganhando, novamente, força e sendo apoiados e organizados por intelectuais, é publicado, em 1949, por Simone de Beauvoir, a obra *O Segundo Sexo*, que teve ampla circulação e foi traduzida para vários idiomas. Segundo a análise de Zirbel (2021), Beauvoir criticou a autodesignação de alguns homens intelectuais como representantes da humanidade e sua definição de "a mulher" como algo separado e inferior, denunciando que a suposta essência feminina era na verdade um produto de dominação masculina. Quase quinze anos depois, em 1963, Betty Friedan lança *A Mística Feminina*, abordando o papel da publicidade e do sistema educacional na persuasão e restrição das mulheres às tarefas domésticas, além de discutir o "mal que não tem nome", sentimento de

mulheres confinadas ao papel de donas de casa. Com a visibilidade das obras de Beauvoir e Friedan, nas décadas subsequentes, houve uma explosão de obras feministas em vários países, abordando diversos temas acerca dos direitos das mulheres:

Grupos de conscientização e atividades coletivas foram organizados em praticamente todos os continentes a fim de apoiar mulheres e motivá-las à lutar por melhorias de suas condições de vida. As pautas dos grupos foram ricas e diversas: anticolonialismo, luta anti-racista, valorização do trabalho doméstico, segurança no trabalho, educação, creches, licença-maternidade, lesbianismo, direitos reprodutivos (acesso a métodos contraceptivos, direito a aborto seguro, lutas contra programas de esterilização compulsória de mulheres negras e pobres), violência doméstica, assédio, estupro, etc. Em meio a essa diversidade, é possível perceber dois pontos comuns, como bem pontuou Jo Freeman (1972): a crítica feminista da sociedade e a ideia de opressão. (ZIRBEL, 2021, p. 18)

As manifestações feministas e estudo sobre o tema seguiram após o ápice na metade do século XX, no entanto, durante a década de 1980, a mídia estadunidense “começou a rotular mulheres adolescentes e na casa dos vinte anos como uma geração “pós-feminista”, que desfrutava de certos ganhos sociais (acesso à educação, a diferentes tipos de emprego...), dando a entender, igualmente, que os objetivos do feminismo haviam sido alcançados.” (ZIRBEL, 2021, p. 21). Com isso, em 1992, Rebecca Walker com o seu ensaio *Eu sou a Terceira Onda*, lança as bases para a terceira onda do feminismo, incentivando e envolvendo jovens ao movimento contra o sexismo persistente que perdurava na década. Essa nova onda ganhou força, se estendendo à vários países, incluindo países subdesenvolvidos da América Latina e, pautas que antes eram abordadas por pequenos grupos, como questões raciais e étnicas e até mesmo pautas LGBT (sigla atual LGBTQIAPN+, que inclui outras identidades sexuais e de gênero) são incluídas em grupos feministas mais abrangentes e assim:

Pautas antigas foram acentuadas, de acordo com o contexto das jovens feministas. Para aquelas a quem o acesso à educação, ao saneamento, ao aborto seguro, ao divórcio, à mobilidade básica estavam garantidos por lei, foi possível focar mais intensamente em outras questões. Para as que não viviam esse tipo de realidade, foi necessário seguir lutando por direitos mínimos de cidadania. Outras pautas seguiram sendo comuns à maioria: a luta contra a exploração, a violência física e psicológica, o feminicídio, a discriminação no trabalho, as jornadas duplas ou triplas, os privilégios masculinos.

(ZIRBEL, 2021, p. 23)

No início do século XXI, a Marcha Mundial de Mulheres uniu mais de 6 mil grupos feministas de 150 países para lutar contra a pobreza e a violência às mulheres e cerca de 5 milhões de pessoas assinaram um documento entregue, simbolicamente, à ONU. Desde então, a terceira onda vem trazendo pautas cruciais como assédios sofridos na rua, no trabalho, no transporte público e, principalmente, nos espaços de lazer, além de temas mais sensíveis como misoginia, agressões sexuais, estupro e o aborto. A partir dessas pautas e com a ajuda das redes sociais, campanhas surgiram e:

[...] no plano mais global pode-se citar o movimento #MeToo, que resultou em mais de 12 milhões de postagens virtuais em apenas vinte e quatro horas, em abril de 2017. As postagens incentivaram o debate sobre o assédio e a cultura do estupro. Apesar da ênfase dada a importantes figuras da mídia, trata-se de um problema generalizado e agudo vivido por mulheres dos mais variados segmentos, nos lares e nos ambientes de lazer e trabalho, submetidas, muitas vezes, a relações abusivas por seus familiares, chefes e colegas. (ZIRBEL, 2021, p. 24)

A terceira onda do feminismo ainda não tem um rumo específico traçado, mas é evidente a luta diária, sobretudo quanto ao retrocesso devido a ascensão de candidatos políticos com posições conservadoras, preconceituosas e misóginas ao poder e, com isso,

[...] vários grupos de feministas têm produzido uma agenda interseccional pautada nas lutas anti-sexistas, anti-racistas, anti-capitalistas, anti-homofóbicas, decolonialistas e ecofeministas. Possuem em comum o enfrentamento de formas complexas e entrelaçadas de violência e opressão perpetradas por um sistema que poderíamos chamar de patriarco-capitalo-racista de dominação. Para enfrentá-lo, uma articulação internacional tem sido organizada e fortalecida a cada ano. (ZIRBEL, 2021, p. 26)

As três ondas do feminismo também se refletem nas expressões artísticas, com artistas femininas emergindo e buscando uma voz própria, desafiando estereótipos de gênero e explorando novas narrativas que destacam as experiências e perspectivas das mulheres. Para *Almeida* (2010):

[...] Os gritos de socorro e as atitudes das mulheres que antecederam o século XX foram determinantes para essa incursão, especialmente no mundo das artes visuais. Muitas foram as mulheres que nos séculos XVIII e XIX lutaram, mesmo que de forma parcial, para que, somente a partir da segunda metade do século XX, se começasse a colher os frutos plantados por essas pioneiras. (ALMEIDA, 2010, p. 59)

No final do século XIX e início do século XX, os sentimentos afloram com movimentos artísticos como o Simbolismo, o Art Nouveau e o Modernismo, nos quais as mulheres encontraram novas formas de expressão do século. Artistas como Berthe Morisot, Mary Cassatt e Georgia O'Keeffe romperam barreiras e ganharam reconhecimento, desafiando as expectativas sociais e explorando temas como a feminilidade, a maternidade e a identidade feminina. E a partir do século XX, a arte feminista se tornou uma importante corrente, abordando questões de gênero, sexualidade e poder. Artistas como Frida Kahlo, Judy Chicago e Yayoi Kusama trouxeram à tona perspectivas únicas sobre a experiência feminina, desafiando estereótipos e questionando as estruturas patriarcais.

Frida Kahlo, por exemplo, foi uma mulher que transcendeu o seu tempo, deixando um legado marcante de obras intimistas e, posteriormente, sendo associada a ícone da moda e do feminismo, como já abordado anteriormente. Sua influência vai além das telas, refletindo-se também em seus engajamentos políticos no movimento socialista, dando abrigo a Trotsky e sua esposa e engajando-se na luta contra o facismo de Franco e posteriormente ao facismo mexicano instaurado por Porfírio Díaz:

Embora Frida compartilhasse com Diego o entusiasmo por Trotsky, ela nunca se filiou ao partido trotskista, que, no México, consistia de alguns poucos intelectuais e pessoas envolvidas na vida sindical; pequeno e pobre demais, o partido precisava que seus membros trabalhassem ativamente por ele. Mas a Guerra Civil Espanhola, que eclodiu em 18 de julho de 1936, mobilizou a consciência política de Frida. A seu ver, a luta da república espanhola contra Franco significava a “mais intensa e mais poderosa esperança de esmagar o fascismo no mundo”. Juntamente com outros simpatizantes legalistas, ela e Diego formaram uma comissão a fim de arrecadar dinheiro para um grupo de milicianos espanhóis que tinham ido ao México em busca de ajuda. Ela fazia parte da Comissão do Exterior, e sua tarefa era entrar em contato com pessoas e organizações de fora do México para levantar fundos. (HERRERA, 2011, p. 147)

Além de ser uma pintora de renome internacional, Frida conquistou fama e

reconhecimento internacional que precederam até mesmo a notoriedade alcançada por seu célebre marido, o influente muralista Diego Rivera e com isso, sua determinação em ganhar a vida por meio da pintura e garantir o próprio sustento. Através de suas obras de arte, Frida expressou sua singularidade, expondo sua própria dor e experiências pessoais de uma maneira íntima e impactante. Sua arte foi um reflexo poderoso de suas lutas internas e das batalhas que muitas mulheres enfrentam em uma sociedade dominada pelas normas patriarcais, sobretudo, temas como o aborto, no qual será um dos conteúdos centrais neste trabalho. Como uma figura icônica da moda, Frida desafiou as convenções estéticas da época, escolhendo roupas e acessórios que ressaltavam sua identidade cultural e sua confiança. Politicamente, ela incorporou elementos tradicionais mexicanos em seu estilo único, mostrando ao mundo a beleza das raízes e tradições de seu país, aponta Herrera (2011) na biografia da pintora.

A bem da verdade, Frida era uma mulher da cidade, formada em um ambiente burguês, e depois “boêmio da classe alta”, que nada tinha a ver com a vida “simples” dos índios mexicanos. E não é improvável que para Frida, assim como para outras pessoas de seu meio que se vestiam com trajes mexicanos, a opção por usar roupas campesinas estava relacionada à noção, então em voga, de que os camponeses e índios são mais ligados à terra, e portanto mais profundamente sensuais, mais “reais” do que a gente urbana sofisticada. Ao vestir trajes nativos, as mulheres declaravam a primazia de sua ligação com a natureza. O traje era uma máscara primitiva que as libertava dos usos e costumes burgueses. É óbvio que havia também um fator político em jogo. Envergar vestimentas indígenas era uma maneira de proclamar lealdade *a la raza*. (HERRERA, 2011, p. 84)

Embora façamos menção na atualidade de que Frida era uma defensora incansável dos direitos das mulheres e uma voz ativa na luta pela igualdade de gênero, não há indícios explícitos de que a artista mexicana realmente lutou pela causa, mas podemos ver tanto em suas obras quanto no seu posicionamento político e social que ela desafiou vários papéis impostos, incluindo os direitos da cultura e raízes do povo mexicano:

[...] para Frida as roupas eram uma espécie de linguagem, e a partir de seu casamento as intrincadas relações entre roupas e autoimagem, e entre estilo pessoal e estilo de pintura, formam uma das tramas secundárias do desenrolar de seu drama. O traje que Frida decidiu adotar era o das mulheres do istmo de Tehuantepec, e as lendas em torno delas sem dúvida informaram sua escolha: as

mulheres de Tehuantepec são famosas por serem imponentes, sensuais, inteligentes, corajosas e fortes. Segundo o folclore, vivem em uma sociedade matriarcal, em que as mulheres dirigem os mercados, cuidam das questões fiscais e dominam os homens. (HERRERA, 2011, p. 83)

A adoção do primitivismo como solução de estilo e arsenal imagético tinha diversas vantagens para Frida. Além de reafirmar seu compromisso com a cultura nativa do México, era, em certo sentido, uma declaração de posicionamento político esquerdista, pois expressava sua solidariedade para com as massas. A adaptação de um estilo de arte popular coincidia com a cuidadosamente elaborada autoimagem de Frida. Assim como seus trajes, a arte mexicana popular é repleta de cores e *alegría*, e, como a vida de Kahlo, é invariavelmente teatral e sangrenta. Ser uma pintora de imagens folclóricas charmosas, ainda que desconcertantes e perturbadoras, em muito contribuiu para ajudar Frida em seu processo de autoinvenção como criatura fabulosa e exótica. (HERRERA, 2011, p. 161)

Linda Nochlin, no seu livro *Why have there been no great women artists?* (1989), originalmente publicado em 1971, traz questionamentos além do porquê as mulheres foram esquecidas na arte durante séculos, ela aponta condições desiguais de produção artística feminina e masculina e mesmo sobre o julgamento diferenciado de obras que pudessem supostamente apresentar alguns atributos “femininos”, ademais, há tantos questionamentos trazidos por Nochlin que nossa interpretação ao que é abordado pela autora pode ser errônea, sobretudo quando aponta que “Não houve grandes mulheres artistas porque mulheres são incapazes de algo grandioso” (NOCHLIN, 1989, p. 3), e, a partir daí, Linda Nochlin começa a dissertar que, na verdade sempre existiram muitas mulheres grandiosas e excelentes nas artes, assim como em praticamente todas as outras áreas artísticas, mas na tradição da sociedade patriarcal, essas mulheres sofriam pressões para se dedicarem exclusivamente às tarefas que lhes eram esperadas, pontos aos quais já trouxemos anteriormente. Além da prática sexista em que o patriarcado definia o que e quem poderia fazer arte, Nochlin também traz em seu ensaio crítico a hierarquia da arte, onde a pintura, a escultura e a arquitetura eram vistas como as artes maiores e, por conseguinte, melhor executadas por homens, já a cerâmica, o bordado e a tapeçaria como sendo artes menores e mais delicadas, sendo assim artes melhor desenvolvidas por mulheres. Foi a partir das ditas ‘artes menores’ que podemos dizer que as mulheres começaram a entrar no universo artístico. Essa análise, inclusive, foi trazida por Whitney Chadwick, professora e historiadora da

arte, no seu livro *Women, art and society* (1990), e, considerando que sempre houve uma produção artística feminina, essas autoras estavam desestruturando todo um modelo de discurso extremamente consolidado e patriarcal na história da arte. Estudos como os de Nochlin e Chadwick contribuem para uma compreensão mais ampla das barreiras e desafios enfrentados pelas mulheres no mundo da arte ao longo da história. Ao questionar as narrativas predominantes e destacar as contribuições de mulheres artistas, elas visavam desafiar e romper as estruturas patriarcais dentro do mundo da arte e da sociedade em geral.

As mulheres, mais do que fazer arte, “[...] elas querem aquilo que lhes foi negado por séculos: ser uma pessoa no amplo sentido, com todos os direitos e deveres, com todos os prazeres e dores, com todas as certezas e angústias.” (ALMEIDA, 2010, p. 56), aborda Flavia Leme de Almeida em seu livro *Mulheres recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais* (2010). As mulheres, acima de tudo, querem a liberdade para serem elas mesmas e se expressarem da melhor maneira que as convém e essa liberdade foi operada juntamente com a junção de diversos registros determinantes: a família e suas relações de obrigatoriedade, ademais do trabalho, que era exclusivamente o do lar e a libido, inexistente para que a única função do sexo fosse gerar filhos. Certos valores que antes eram prerrogativas exclusivas dos homens, como o amor livre e a troca de parceiros, tornaram-se firmemente defendidos por algumas feministas por meio de movimentos artísticos. As mulheres procuraram, e ainda procuram, desafiar as normas e expectativas sociais que restringiam sua autonomia e limitavam sua individualidade e os movimentos artísticos forneceram uma plataforma para as mulheres expressarem seus desejos de liberdade pessoal, liberação sexual e o desmantelamento dos papéis tradicionais de gênero.

Ao criar e participar desses movimentos, as mulheres artistas desafiaram os estreitos limites do mundo patriarcal da arte, que frequentemente é relegado às mulheres à margem. Por meio de suas expressões criativas, elas questionaram e subverteram as estruturas de poder estabelecidas, exigindo reconhecimento e igualdade de oportunidades. Esses empreendimentos artísticos se tornaram um meio de reivindicar a agência, redefinindo a feminilidade em seus próprios termos e afirmando seu direito à personalidade plena. A obra de Flávia Leme de Almeida lança luz sobre as multifacetadas aspirações da mulher para além do âmbito da arte. Enfatiza seu desejo de autodeterminação, desafiando as expectativas da sociedade

e buscando a libertação das restrições que historicamente limitaram seu potencial. Por meio da arte e dos movimentos artísticos, as mulheres buscam reformular suas identidades, recuperar suas narrativas e traçar um caminho para uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

A partir deste breve percurso histórico, vimos que as artistas feministas abriram caminho para uma profunda reflexão sobre as representações e significados atribuídos às mulheres e seus corpos na sociedade e com muita luta o corpo feminino passou a ser explorado como uma fonte de empoderamento, resistência e contestação. Artistas como Frida Kahlo, que pintava autorretratos que expressavam suas experiências pessoais e emocionais, e as Guerrilla Girls, um coletivo de artistas ativistas que denunciavam a objetificação das mulheres na arte, foram exemplos marcantes dessa nova abordagem e nos mostra que podemos ser muito além de mães e esposas.

Com o passar do tempo, outras artistas continuaram a questionar e subverter as narrativas tradicionais em torno do corpo feminino, explorando temas como a maternidade, a sexualidade, a identidade e as questões relacionadas à imagem corporal, desafiando estereótipos e ampliando os limites do que era considerado aceitável na representação das mulheres. Atualmente, o corpo feminino na arte está cada vez mais diversificado e complexo, refletindo a multiplicidade de experiências e perspectivas das mulheres. As artistas contemporâneas exploram as interseções entre gênero, raça, classe e identidade, desafiando as estruturas patriarcais e oferecendo novas narrativas e visões sobre o corpo feminino. No entanto, apesar dos avanços, ainda há muito a ser feito para combater a sexualização e a objetificação do corpo feminino na arte e na sociedade como um todo. É essencial continuar ampliando as vozes femininas e apoiando a criação de espaços inclusivos e igualitários, onde as mulheres possam expressar sua arte livremente, sem estigmas ou restrições impostas pela visão tradicional de gênero.

### **3 A CRÍTICA ALÉM DA ESCRITA: A INTERAÇÃO ENTRE LITERATURA E PINTURA**

Para compreendermos a interação entre literatura e pintura é fundamental explorar, em um primeiro momento de forma individual, as trajetórias que cada um desses campos percorreu ao longo da história ocidental. É importante ter em conta que, embora os movimentos artísticos e literários tenham muitas vezes evoluído de maneira aparentemente independente, os seus desdobramentos aconteceram dentro da mesma cronologia e momento histórico.

A grosso modo, a pintura existe desde a Pré-História, remontando a milhares de anos atrás, quando nossos antepassados primitivos usavam pigmentos naturais encontrados na natureza para criar imagens nas paredes de cavernas, que serviam não apenas como formas de expressão artística, mas principalmente como comunicação dessas antigas comunidades. As primeiras pinturas rupestres não apenas retratavam cenas da vida cotidiana, como caçadas e rituais, mas também foram utilizadas para documentar o conhecimento sobre a fauna e a flora local, ajudando as gerações futuras a compreenderem o ambiente em que viviam. Para Farthing (2011), todas as sociedades, ao longo da história e independentemente do seu nível de desenvolvimento material, sempre se expressaram através da arte, seja em representações visuais, decorações, narrativas ou música, fazendo com que a criação artística fosse tão intrínseca ao ser humano quanto a construção de ninhos é para os pássaros. No entanto, as formas de arte mudaram significativamente ao longo de diferentes épocas e regiões, influenciadas por diversas situações culturais e sociais.

Ao longo da história da humanidade a pintura evoluiu passando por diferentes estilos, técnicas e propósitos. Desde as obras icônicas da Renascença que celebram a beleza e a espiritualidade, a “[...] proliferação de estilos distintos no período do Renascimento e da Reforma refletia a diversidade da cultura e da sociedade europeias [...]” (FARTHING, 2011, p. 10). Na contemporaneidade, a arte desafia as convenções e busca novas formas de expressão, sendo a pintura uma ferramenta poderosa para comunicar emoções, ideias e visões de mundo. O papel da pintura na cena artística atual é profundamente influenciado pela interseção de diversos fatores culturais, tecnológicos e sociais, que moldam a forma como os artistas criam e o público consome obras de arte. Com o advento da tecnologia digital, os artistas

exploram novas mídias e técnicas, ampliando as possibilidades de expressão visual, gerando a fusão da pintura tradicional com elementos digitais para expressar a atualidade, onde, em sua maioria, a pintura contemporânea muitas vezes se envolve em debates políticos, sociais e culturais, refletindo as preocupações e aspirações da sociedade atual. Outro ponto crucial é a pluralidade de estilos e técnicas que caracterizam a pintura contemporânea. Uma variedade de movimentos artísticos, como o expressionismo abstrato, o realismo mágico e o neo expressionismo, oferecem aos artistas a liberdade de escolher abordagens que melhor se adequem à sua visão e mensagem. Isso demonstra a capacidade da pintura de se adaptar e evoluir ao longo do tempo, mantendo sua relevância como forma de expressão artística (COTTER, 2012).

Quanto à área literária, segundo a visão perspicaz de Otto Maria Carpeaux (1900-1978), a literatura transcende a mera palavra escrita e adquire uma dimensão profunda e introspectiva. Em sua visão, a literatura é, antes de tudo, a busca pelo autoconhecimento em território alheio, uma exploração do *eu* através da análise do outro, como se o ato de ler fosse uma jornada para dentro da própria alma. Este processo de introspecção, em sua essência, é um ato de amor profundo, onde a literatura se torna uma ferramenta para compreendermos a complexidade humana. Além disso, a literatura revela nossos sentimentos mais ocultos, nossas emoções mais secretas e nossos estados mais efêmeros. Ela nos permite sondar nossos impulsos, intuições, antipatias e momentos mais desconcertantes. Carpeaux, com sua riqueza de adjetivos intimistas, enfatiza a complexidade inerente à definição de literatura, algo que ainda hoje é debatido em aulas de teoria literária.

Durante o Renascimento, por exemplo, houve uma convergência notável entre as artes visuais e a literatura. Artistas como Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael, ao lado de escritores como Dante Alighieri, Giovanni Boccaccio e Petrarca, colaboraram em um ambiente cultural que valorizava a fusão de diferentes formas de expressão. A pintura muitas vezes serviu como uma forma de ilustrar ou complementar obras literárias, enquanto a literatura inspirou temas e narrativas para as obras visuais. No século XIX, o movimento romântico testemunhou uma intensificação dessa interação. Artistas como William Blake e Eugène Delacroix buscavam inspiração em obras literárias, enquanto poetas como Lord Byron e Percy Bysshe Shelley incorporavam imagens pictóricas em suas poesias. A relação entre

literatura e pintura não era apenas estética, mas também uma expressão de ideias filosóficas e políticas, influenciando a forma como a sociedade percebeu a arte e o mundo ao seu redor. Já no século XX, movimentos como o surrealismo exploraram a interconexão entre o visual e a literatura de maneiras inovadoras. Salvador Dalí colaborou com o escritor Luis Buñuel no filme *Un Chien Andalou*, enquanto André Breton, líder do movimento surrealista, escreveu manifestos que refletiam a fusão entre o inconsciente e o imaginário visual.

João Maria Mendes resume essa fusão no livro *Introdução às Intermedialidades* (2011) como a narrativa das interações mútuas, cruzamentos, ajustes e recriações entre formas artísticas ou métodos de produção cultural, que remonta aos primórdios das artes e das culturas, refletindo o amplo e diversificado fluxo de assimilação, no qual autores, artistas, técnicas e dispositivos incorporam as experiências adquiridas de outros criadores, artistas, métodos e também dispositivos, chamando essa interação de intermedialidade. Para Mendes (2021) “[...] Trabalhar na área das intermedialidades significa sobretudo investigar — ora no universo teórico que as humanidades se habituaram a designar por reflexão fundamental, ora em aplicações e estudos de casos [...]” (MENDES, 2011, p. 28). No nosso caso, a investigação das intermedialidades da literatura e da pintura visa discutir o papel da mulher na sociedade contemporânea a partir de um aporte histórico.

Em se tratando de intermedialidades, para Wendy Steiner, no capítulo de *La Analogía entre la pintura y la literatura* (2000), a interação entre as formas de expressão artística, como metáforas, analogias, modelos, diagramas e pinturas, oferece a oportunidade de examinar um sistema ou seguir todas as conexões e implicações de uma ideia, mesmo que isso possa enfraquecer, de certa forma, a força original de sua representação e esse potencial, tanto para aprofundar quanto para diluir, é o que confere dinamismo ao processo de um pensamento icônico:

Esse dinamismo é especialmente evidente na metáfora do que estou tratando aqui, a semelhança entre pintura e literatura. Esse é um caso privilegiado: é uma metáfora sobre a semelhança entre si e, ainda mais significativo, sobre a semelhança entre a realidade e os sistemas que o homem desenvolveu para representá-la. Acredito que a literatura é tão frequentemente comparada à pintura porque a pintura passou a representar o exemplo paradigmático do “espelho da realidade”. A antologia entre as “artes irmãs”, por sua vez, permite que a literatura também seja considerada um ícone da realidade, em vez de um meio convencional de se referir a ela. (STEINER, 2000, p. 27)

Com isso, a literatura contemporânea frequentemente se inspira em obras de arte para criar narrativas complexas, enquanto artistas visuais exploram temas literários em suas criações. Além disso, a presença dessas influências na cultura popular, como adaptações cinematográficas de obras literárias e representações visuais em mídias digitais, destaca a importância contínua dessa relação na formação da experiência cultural. Desse modo, a interação entre literatura e pintura transcende os limites das formas artísticas individuais, desempenhando um papel fundamental na construção da identidade cultural e na influência sobre as percepções da sociedade em relação à arte, imaginação, expressão criativa e crítica social.

## 4 A ARTE E O FEMININO

Nos capítulos introdutórios, a partir de uma análise histórica, vimos o quão árduo foi o caminho das mulheres na busca de seus direitos como cidadãs em uma sociedade patriarcal por meio de movimentos feministas. Essa jornada revelou não apenas as barreiras sociais e legais que as mulheres enfrentaram (e ainda enfrentam), mas também a resiliência e a determinação que elas vêm superando ao longo dos séculos. Essa busca por igualdade e independência também teve reflexo nas artes, influenciando a produção cultural de diversas maneiras. As mulheres artistas, ao longo da história, usaram sua voz e criatividade para questionar as normas de gênero, promover a igualdade e expressar suas experiências em um mundo predominantemente masculino. Além da busca por reconhecimento como artistas há a luta pelo direito aos seus corpos e suas representações, já que a mulher era, em sua maioria, apenas um objeto de contemplação e estudo.

A mulher sempre foi associada à natureza e às suas preferências, como a fertilidade da terra e a fluidez das águas, além de desempenhar papéis em mitos e lendas que abordam questões universais como o nascimento, a morte e a transformação. A representação da mulher em diversas culturas é frequentemente retratada como criadora e destruidora, personificando o ciclo eterno da vida. Essas representações históricas e mitológicas foram desenvolvidas para a construção de um rico legado cultural, no entanto ainda influenciam a forma como entendemos e interpretamos o feminino nas artes contemporâneas e na sociedade em geral. Segundo o que constata Almeida (2010) em sua pesquisa, a figura da mulher na ancestralidade era mais do que a associação à fertilidade, era parte integrada da natureza:

Para muitos povos ancestrais, o sol se configurava como uma força hostil ao desenvolvimento da vegetação e também à reprodução das espécies. A luz da lua faria, então, um contraponto com a luz hostil do sol. Cabe ressaltar que este poder atribuído à lua é uma representação simbólica da fertilidade, já que, muito provavelmente, para esses povos ancestrais, o mito e sua simbologia explicavam a própria realidade. (ALMEIDA, 2010, p. 42)

Essas concepções ancestrais não apenas moldaram a visão cultural sobre o feminino, mas também lançaram luz sobre a percepção contemporânea da mulher e

sua interação com o mundo ao seu redor. A contemporaneidade, porém, nos convoca a reavaliar e desafiar essas representações antiquadas. À medida que a sociedade evolui, é importante desconstruir estereótipos arraigados e proporcionar às mulheres espaços autênticos para expressarem suas identidades, tanto nas artes quanto na sociedade em geral. O papel da mulher como agente de mudança e inovação ganha destaque, não apenas como uma manifestação à opressão histórica, mas como uma força vital na construção de um futuro mais equitativo e inclusivo.

Nesse contexto, a arte contemporânea surge como um campo fértil para a expressão feminina. Mulheres artistas contemporâneas transcendem fronteiras, desafiando normas e subvertendo expectativas. Suas obras não apenas refletem a complexidade da experiência feminina, mas também questionam e redefinem o papel da mulher na sociedade. A busca por igualdade, autonomia e modernidade permeia as criações artísticas, fornecendo uma plataforma poderosa para o diálogo e a transformação.



**Imagem 1:** Vênus de Milo (c 100 a. C.) Artista desconhecido - mármore 2,02m de altura. Museu do Louvre, Paris, França. (FARTHING, 2011, p. 52)

Em resumo, a trajetória das mulheres na busca por seus direitos como cidadãs transcende o mero domínio social e jurídico, estendendo-se ao âmbito cultural e artístico. A representação da mulher, enraizada em mitos e tradições, moldou um legado cultural, mas também desafiou as mulheres a redefinirem seu papel na sociedade contemporânea. À medida que as mulheres continuam a

reivindicar sua voz e espaço, a arte emerge como um meio vital para a expressão, questionamento e transformação, lançando luz sobre o potencial inexplorado e a resiliência contínua das mulheres ao longo do tempo.

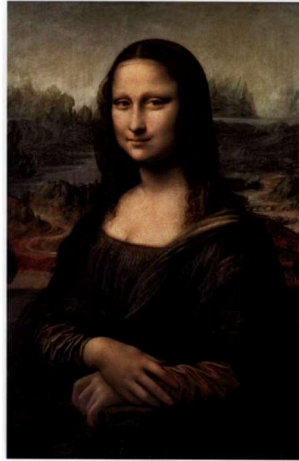
A representação da mulher na arte e na literatura ao longo da história é um reflexo das normas culturais, sociais e políticas de cada época, isso dentro de um contexto ocidental. A trajetória desse retrato evoluiu significativamente, passando por diversas fases que refletem as mudanças na percepção da mulher e seu papel na sociedade. Na Grécia (imagem 1) e na Roma antigas, por exemplo, as mulheres eram frequentemente representadas em esculturas e pinturas, mas seus retratos eram idealizados e muitas vezes associados a divindades femininas, como Afrodite ou Vênus com ênfase recaída na beleza e na fertilidade.



**Imagem 2:** Virgem com a codorna (1420-1422). Pisanello - óleo sobre madeira 50cmx33cm. Museu do Castelvecchio, Verona, Itália. (FARTHING, 2011, p. 132)

Durante a Idade Média (imagem 2), a representação da mulher nas artes deu lugar a figuras religiosas, como a Virgem Maria, onde a mulher era idealizada como símbolo de pureza e maternidade, já na literatura, as mulheres eram frequentemente retratadas em romances de cavalaria como musas a serem admiradas e protegidas.

Com o Renascimento, houve uma mudança na representação da mulher. Artistas como Leonardo da Vinci (imagem 3) e Botticelli começaram a retratar mulheres com mais realismo, destacando características individuais, no entanto, ainda havia uma tendência a idealizar a beleza feminina. Com um salto na linha do tempo, no movimento romântico (imagem 4) houve uma nova abordagem à representação feminina. Artistas como Delacroix exploraram emoções e retrataram mulheres como seres complexos e na literatura, autoras como Jane Austen e as irmãs Brontë exploraram a condição feminina e as limitações sociais.



**Imagem 3:** Mona Lisa (1503-1506) Leonardo da Vinci - óleo sobre madeira 77cmx53cm. Museu do Louvre, Paris, França. (FARTHING, 2011, p. 177)



**Imagem 4:** A grande odalisca (1814) Jean-Auguste-Dominique Ingres - Museu do Louvre, Paris, França. (FARTHING, 2011, p 265)

Com o surgimento do modernismo e movimentos de vanguarda, no século XX, as representações da mulher na arte se diversificaram e artistas como Frida Kahlo exploraram a identidade feminina de maneira intensa, como vimos anteriormente. Hoje, na contemporaneidade, a arte e a literatura continuam a ser espaços de diálogo sobre a identidade feminina, desafiando estereótipos e celebrando a diversidade de experiências das mulheres. A representação da mulher tornou-se mais inclusiva, refletindo a evolução das perspectivas sociais e culturais em direção à igualdade de gênero, em principal com movimentos exclusivamente de mulheres artistas e feministas com o objetivo não apenas de expressar a identidade feminina, mas também desafiar as estruturas patriarcais que permeiam o mundo da arte. Um exemplo notável dessa manifestação é o coletivo conhecido como Guerrilla Girls, grupo anônimo de artistas e ativistas feministas que surgiu como manifesto

com a finalidade de combater a sub-representação de mulheres e artistas não-brancos em galerias e museus de arte que vai muito além da criação puramente estética, transformando-se em uma ferramenta de ativismo e conscientização. Isso tudo após uma exposição no MOMA, em 1984, na qual havia obras de 165 artistas de 17 países onde apenas 13 eram mulheres.

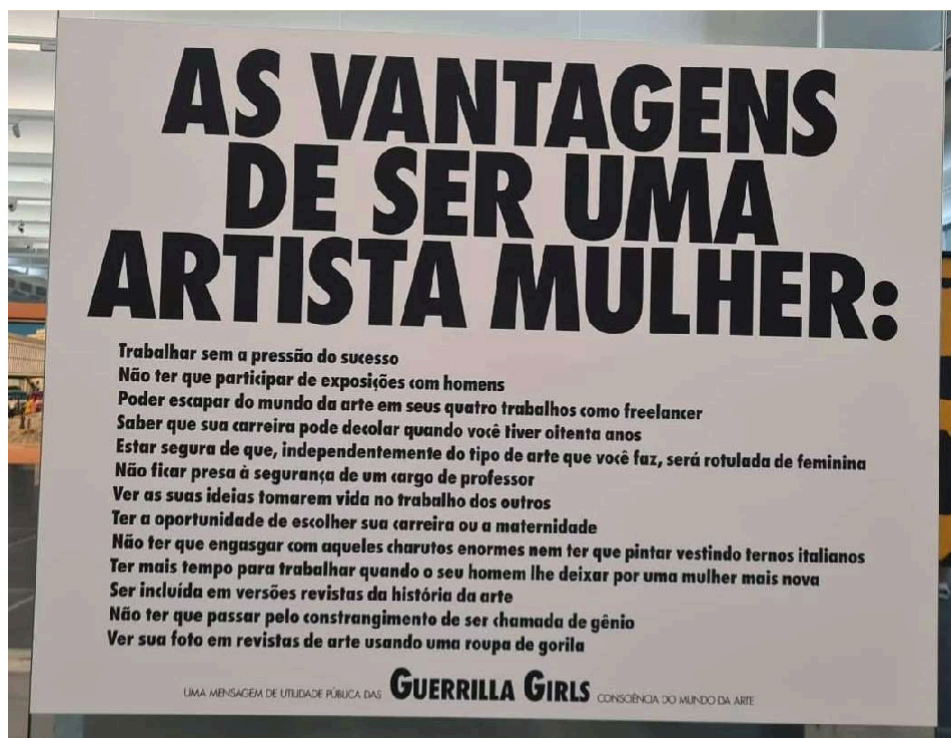
Um aspecto fundamental na definição do coletivo Guerrilla Girls é a maneira como elas escolheram se retratar. Durante suas atividades, todas as membros do grupo adotam pseudônimos inspirados em mulheres artistas falecidas e utilizam máscaras de gorila. Este animal, conhecido por sua inteligência extraordinária, é frequentemente apresentado como um antagonista aos humanos em diversas obras de ficção científica, aborda Odhara Caroline Rodrigues em seu artigo *Guerrilla Girls - representação feminina no mundo das artes táticas para a transformação do paradigma patriarcal* (2017). Como as próprias ativistas salientam, a escolha simbólica das máscaras destaca a necessidade de deslocar o foco do artista individual para as questões que estão sendo levantadas. As máscaras, por si só, tornaram-se ícones reconhecíveis que desafiam as expectativas tradicionais associadas à feminilidade: *“O nosso anonimato mantém o foco nos problemas e longe de quem nós talvez sejamos: nós poderíamos ser qualquer um e nós estamos em todos os lugares”*<sup>1</sup>.

Ao explorar a arte como um movimento feminino e feminista, é fundamental examinar as estratégias utilizadas pelas Guerrilla Girls para desafiar a disparidade de gênero no mundo da arte. Elas são conhecidas por suas campanhas ousadas, que incluem cartazes, panfletos e até mesmo intervenções em espaços públicos. Suas mensagens diretas e provocativas questionam a falta de representação e a marginalização das mulheres, utilizando a arte como um veículo de resistência e transformação social. Para Rodrigues (2017):

As Guerrilla Girls se propõem a discutir as mensagens transmitidas pelo mundo da arte e pela indústria cultural (elas expandiram as suas críticas para este campo) usando a própria arte como instrumento. Essa prática se encaixa no chamado “ativismo”, hibridação entre “arte” e “ativismo”. Aqui, o que orienta o fazer da arte é a consciência crítica de seus autores e a intenção de interferência, de “disseminação dos resultados obtidos”. (RODRIGUES, 2017, p. 7)

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.guerrillagirls.com/>.

Além disso, as Guerrilla Girls lançam luz sobre as estatísticas alarmantes relacionadas à presença de artistas femininas em galerias e museus renomados. Questionando a ausência de equidade de gênero, esses artistas desafiam as instituições a confrontar e modificar suas práticas discriminatórias:



**Imagem 5:** Foto tirada no Museu MASP, em São Paulo. Fonte: Acervo pessoal.

Por fim, a arte como movimento feminino e feminista, exemplificada pelas Guerrilla Girls, não apenas celebra a expressão artística das mulheres, mas também destaca a importância de uma abordagem mais inclusiva e diversificada na apreciação da arte. O impacto duradouro dessas artistas pioneiras ressoa através do tempo e deixa um legado que transcende as fronteiras. Seu trabalho não apenas desafia as normas condicionais desde a década de 1980, mas também serve como uma chama inspiradora para as gerações subsequentes. Ao abrirem caminho, essas visionárias motivam artistas futuras a persistirem na quebra de barreiras e na construção de um espaço artístico mais inclusivo, igualitário e representativo.

## 5 PAULA REGO E SUAS PINTURAS NA TRADIÇÃO PORTUGUESA

Paula Rego (1935–2022) é uma das figuras mais influentes da arte contemporânea, e a sua obra reflete uma ligação profunda com as tradições culturais e históricas de Portugal. Nascida em Lisboa, sua trajetória artística foi marcada por influências dos contos populares, mitos e a rica herança cultural de seu país. Rego construiu uma carreira sólida através de uma linguagem visual única, marcada por narrativas complexas, muitas vezes subversivas, que transbordam emoções intensas. Seus retratos, em particular, exploram a condição feminina com uma profundidade psicológica singular, abordando as experiências e emoções das mulheres de uma forma crua e honesta (Crippa, 2004).

Paula Rego, como mulher e artista, eleva a sua expressão artística à categoria de um diálogo profundo com a tradição portuguesa. Sua obra, amplamente inspirada pela fusão de culturas que definem a história de Portugal, questões sociais, políticas e femininas com uma abordagem crítica. Ao longo de sua carreira, Rego se dedicou a explorar temas controversos, desafiando as normas e questionando convenções sociais. Um tema central em sua produção, que ainda hoje suscita intensos debates políticos, sociais e religiosos, é o aborto, que Rego retratou em várias de suas obras. Nessas representações, ela não apenas expressa a complexidade da condição feminina, mas também humaniza a dor, o medo e a resistência das mulheres.

Na tradição portuguesa, que carrega em si um forte sentimento de melancolia e saudade, Rego encontrou inspiração para explorar questões humanas universais. Sua capacidade de trazer à tona figuras femininas que encarnam a opressão, a resistência e o poder de subversão é notável. Seus retratos de mulheres são particularmente impactantes, revelando uma compreensão profunda da psicologia feminina e da condição humana. Como observa Rego: “não são ilustrações de histórias; são os sentimentos que as histórias me despertam” (Crippa, 2004, p. 82). Essa abordagem permite que suas obras ecoem na alma lusitana, ao mesmo tempo em que desafiam o espectador a confrontar temas difíceis, como a opressão patriarcal e as expectativas sociais em torno das mulheres.

Além de suas explorações sobre a condição feminina, Rego também bebeu profundamente da literatura, um elemento central em sua criação artística. A

influência de autores como Emily Brontë, Kafka, Balzac, Eça de Queiroz, George Orwell, Dante, Lewis Carroll e Charles Dickens é visível em suas obras, que são enriquecidas com múltiplas camadas de significado. Sua arte não apenas homenageia esses grandes nomes da literatura, mas também utiliza suas narrativas para dialogar com questões contemporâneas, revelando uma vasta interconexão entre arte visual e literatura. Em sua série "Mulheres Cão" (1994), por exemplo, Rego combina elementos literários e simbólicos para criar personagens femininas ambíguas que desafiam estereótipos e papéis tradicionais, explorando tanto a vulnerabilidade quanto a força interior dessas figuras.

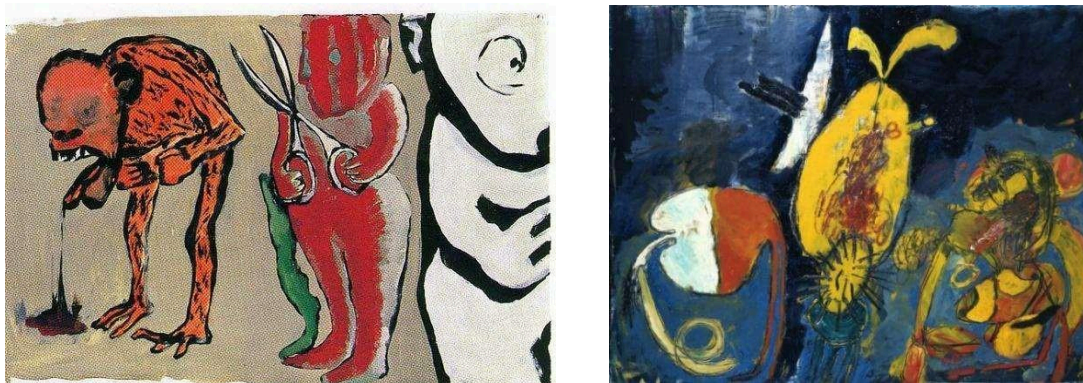
A carreira de Paula Rego foi marcada por um crescimento constante e pelo reconhecimento internacional, especialmente a partir dos anos 1980, quando ela começou a ser comparada exclusivamente a artistas como Francis Bacon e Lucian Freud. As suas colaborações com instituições renomadas, como a National Gallery, em Londres, e a criação da Casa das Histórias Paula Rego, em Cascais, atestam a sua importância no cenário artístico global. Rego deixou um legado que continua a influenciar e inspirar artistas contemporâneos, com sua habilidade ímpar de conjugar a estética narrativa com uma crítica mordaz à opressão e ao poder (Crippa, 2004).

Para Ruth Rosengarten, em *Contrariar, Esmagar, Amar: A Família e o Estado Novo na Obra de Paula Rego* (2009), Paula Rego aborda temas cruciais, tais como resistência, subversão e afeto por meio de suas obras, utilizando a família como um dispositivo simbólico para examinar as tensões sociais e políticas prevalentes na época do Estado Novo em Portugal. A autora destaca a capacidade única de Rego em expressar de forma crítica sua visão sobre o Estado Novo através de suas representações artísticas. Rego revela as complexidades das relações familiares, oferecendo uma perspectiva única sobre as dinâmicas sociais subjacentes ao regime opressivo, sobretudo para a mulher. Ao usar a família como metáfora, a artista permite uma compreensão mais profunda das experiências individuais e coletivas diante da autoridade política dominante:

A confluência da feminilidade com a reprodução é um imperativo da sucessão patriarcal, mas foi também o desiderato da ideologia fascista, com o seu culto da masculinidade viril e a sua ênfase na primazia simbólica da maternidade enquanto veículo da sua própria perpetuação. Com efeito, na ênfase sobre a "familiaridade" propagada pelo fascismo, a maternidade tornou-se a incubadora da própria ideologia. Perpassava na retórica de Salazar uma semelhante idealização misógina da maternidade: tal como sucedia com a trocista

para portuguesa de Andersen, na propaganda do Estado Novo havia uma maternidade naturalizada correndo nas veias de cada mulher verdadeiramente portuguesa. (ROSENGARTEN, 2009, p. 13)

Dentro do âmbito familiar, observamos a concretização mais profunda do poder simbólico e institucional associado à paternidade abordada por Rosengarten acerca das obras de Paula Rego no contexto português. Contudo, é crucial salientar que essa realização não é isolada, pois a figura paterna encontra suporte significativo em diversas instituições sociais. São essas instituições que desempenham um papel fundamental ao facilitar a aproximação do pai ao seu papel simbólico, enquanto simultaneamente estabelecem uma inter-relação representativa entre os poderes paternal e político. Assim, a influência do pai na esfera familiar se entrelaça de maneira complexa com as estruturas mais amplas da sociedade, consolidando uma teia de conexões que enriquecem e definem as dinâmicas paternas. E é a partir dessas estruturas que Rego satiriza o governo salazarista e o conceito de família portuguesa como podemos ver em algumas obras como *Salazar a Vomitar a Pátria* (1960) e *Mulher do Macaco Vermelho Corta-lhe o Rabo* (1981) (imagens 5 e 6). Exploraremos a influência da estrutura familiar no contexto do papel da mulher na sociedade portuguesa, especialmente ao abordar suas decisões individuais e a autonomia sobre seus corpos, destacando a complexidade das escolhas que moldam sua trajetória e contribuem para a dinâmica social.



**Imagens 5 e 6:** Imagens retiradas do Instagram da Paula Rego. Fonte: <https://www.instagram.com/paularegostudio/>

A seguir, veremos que o impacto duradouro de Paula Rego na tradição portuguesa não se limita apenas às suas obras com sua paleta única e perspectiva singular, com um misto de surrealismo, expressionismo e elementos do folclore, mas

também à sua capacidade de instigar reflexão e diálogo sobre questões relevantes na sociedade. Sua arte testemunha a vitalidade da cultura portuguesa, amalgamando tradição e inovação em um espetáculo visual que transcende fronteiras.

### **5.1 A crítica social de Paula Rego e suas pinturas em “O Crime do Padre Amaro, de Eça de Queiroz**

Para sintetizarmos, a obra de Eça de Queiroz, *O Crime do Padre Amaro*, publicada em 1875, revela uma crítica profunda às instituições sociais e à moralidade portuguesa do século XIX, destacando a hipocrisia que permeia a sociedade da época. Através da intrincada trama que se desenrola entre o padre Amaro e Amélia, Eça de Queiroz denuncia a corrupção moral existente dentro da própria igreja, desvelando um ambiente que, ao invés de representar os valores espirituais e éticos, está imerso em interesses pessoais e desvios de conduta. O protagonista, ao confrontar seus próprios conflitos morais, serve como um espelho para as contradições profundas que caracterizam não apenas a vida eclesiástica, mas a sociedade como um todo. Dessa forma, a narrativa transcende a mera crônica de um escândalo amoroso, tornando-se uma análise perspicaz e crítica da natureza humana e das instituições que moldam o comportamento social. Desta forma, Paula Rego, conhecida por sua habilidade em transmitir emoções complexas por meio de suas pinturas, tece uma narrativa visual que dialoga diretamente com as críticas sociais presentes na trama de *O Crime do Padre Amaro*, compreendendo as nuances culturais e sociais de sua terra natal, transformando essas percepções em imagens impactantes, onde retrata magistralmente as complexidades do enredo e os personagens multifacetados de Queiroz, detectando um mergulho visual profundo nas questões morais e sociais abordadas na obra literária. Segundo a análise de Rosengarten em *Paula Rego e o Crime do Padre Amaro* (1999):

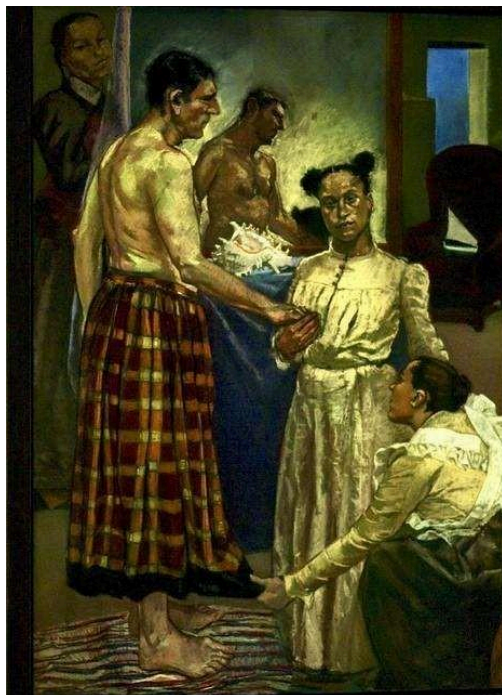
No actual conjunto de obras, o tabu quebrado não é o do incesto, embora o incesto seja um tema importante em vários outros livros de Eça. No texto de Eça, tanto o padre como a rapariga virgem partilham um voto de castidade (um, ostensivamente permanente, a outra até o seu desejo poder ser legitimamente concretizado no casamento). Paula Rego está mais preocupada com a natureza ilícita da ligação entre Amaro e Amélia do que propriamente com os votos específicos do celibato clerical. Na tragédia, enquanto género literário, a infracção

do tabu é redimível pelo castigo - Édipo, um homem-dos-sete-instrumentos, pronuncia a sua própria sentença. O que é perturbante e pérfido na obra de Eça é a forma como Amaro sai incólume de tudo. ... Um personagem sem qualquer tipo de consciência e que não sofre qualquer tipo de consequência. (ROSENGARTEN, 1999, p. 24)

Portanto, ao explorar a sociedade portuguesa do século XIX, Paula Rego destaca as estruturas sociais e religiosas que permeiam a trama de Eça de Queiroz. Suas pinturas capturam a hipocrisia da igreja, a corrupção moral de certos personagens e as lutas enfrentadas por aqueles que desafiam as normas. Através de suas escolhas de paleta, composição e expressões faciais, Rego transmite as profundas subjacentes, os conflitos éticos e as desigualdades que permeiam a obra original. A figura do Padre Amaro, central na trama, é magistralmente interpretada por Rego, que revela as camadas de sua personalidade e a influência corrosiva do poder clerical, mas é na figura de Amélia que Rego concentra a sua análise e crítica social, já que, como abordado por Rosengarten (1999):

[...] No romance de Eça, num contexto cristão corrupto e hipócrita, a morte de Amélia não é vingada nem punida e não há redenção possível. Não deixa de ser significativo que ao utilizar como ponto de partida essa obra antitrágica que é O Crime do Padre Amaro, Paula Rego vire, aparentemente, as costas à forma como utilizava a comédia e o burlesco nas suas primeiras obras e adote algo próximo do género trágico. Isso por uma razão simples: se Eça recusa punir Amaro e vingar Amélia, a artista tem de fazê-lo. E tem de fazê-lo não para restaurar a virtude (cristã) der Amélia, mas, pelo contrário, para enobrecer e assim legitimar o seu desejo (de mulher). (ROSENGARTEN, 1999, p. 25)

Até então, para Rosengarten (1999), Paula Rego evitava abordagens trágicas, inicialmente recorrendo ao humor e convidando à quebra de padrões. Essa abordagem representa uma maneira de subverter as hierarquias e corrigir as desigualdades entre os sexos, gerações e classes sociais. Até meados da década de oitenta, essa abordagem encontrou sua equivalência formal na adoção de meios de expressão não hegemônicos. Ao assumir uma perspectiva pessoal, não apenas como a representante do sexo feminino, mas como uma mulher singular, ela desafia a autoridade patriarcal em manifestações íntimas, familiares ou amorosas.



**Imagem 7:** Obra "Mãe", 1997, pastel em papel e alumínio. Imagem retirada do Instagram oficial da artista: <https://www.instagram.com/paularegostudio/>.

Ao retratar Amaro, por exemplo, Rego não se limita a uma simples representação do personagem literário, mas se aprofunda em sua psique - vertente muito explorada nas obras da artista -, explorando as contradições entre a devoção religiosa e as paixões mundanas. A expressão facial, os olhos que revelam dúvidas e os gestos cuidadosamente revisados transmitem a luta interna que Queiroz delineou em sua narrativa. Rego transforma a figura clerical em um símbolo de uma igreja corrompida e decadente, questionando a moralidade institucionalizada. A escolha de Rego em representar outros personagens, como Amélia e o próprio Padre Amaro, em situações simbólicas e ambientes detalhados, aprofunda ainda mais a crítica social presente na obra de Queiroz.



**Imagem 8:** Quadro "Anjo", 1998, pastel em papel e alumínio. Imagem retirada do Instagram oficial da artista: <https://www.instagram.com/paularegostudio/>.

Suas composições revelam não apenas os eventos da trama, mas também as relações de poder, as normas sociais e as desigualdades de gênero que permeiam a sociedade da época. Além disso, a inserção de elementos simbólicos nas pinturas de Rego acrescenta camadas de significado à crítica social. Objetos como crucifixos quebrados, livros religiosos negligenciados e sombras ameaçadoras voltadas para a construção de uma narrativa visual complexa. Esses detalhes simbólicos não apenas dialogam com os temas literários, mas também oferecem interpretações adicionais sobre as dinâmicas sociais e morais exploradas na obra.

Quanto a Amélia, jovem ingênua e religiosa que vive na cidade de Leiria, filha de D. Maria da Assunção, uma viúva devota que sonha em ver a filha casada com um homem piedoso, simbolizada por Eça de Queiroz como uma crítica à repressão sexual e à hipocrisia na sociedade portuguesa do século XIX, embora a protagonista seja mostrada como uma mulher frágil e submissa, influenciada pelo ambiente religioso e pela pressão social. Já a Amélia retratada por Paula, embora passe pelas desventuras rumo à morte, é uma Amélia completamente diferente da retratada no romance, na qual é vista como pecadora e sem salvação, ainda mais que Amaro. Essa representação fica evidente na obra *Anjo*:

Um universo moral semelhante é ainda mais fortemente sugerido na obra dramática *Anjo*, onde a figura de Amélia, espantosamente vestida de dourado, sobressai num misterioso fundo cinzento-chumbo que não é perturbado por nenhum incidente narrativo. Simultaneamente guardiã e anjo vingador, nada há de etéreo nela. Brande uma espada e uma esponja, instrumentos da Paixão de Cristo e, com severidade mas também com serenidade, cumpre a função redentora que a personagem de Eça não pode. Uma função redentora e no entanto ironicamente distorcida, invertida: tal como o seu físico orgulhoso e sensual nos sugere, o que o anjo binga não é a queda em desgraça de Amélia, mas o preço que tem de pagar pelo seu desejo. E o preço é alto (a sua vida) porque é alta. O valor do objecto do seu desejo aumenta proporcionalmente ao perigo que representa a realização desse desejo: esta é uma história bem conhecida dos que se não acautelam na paixão. (ROSENGARTEN, 1999, p. 48)

A presença marcante da influência da literatura realista de Eça de Queiroz nas obras de Paula Rego se revela de maneira tangível. Rego, de maneira destemida, expõe as injustiças e hipocrisias da sociedade que Queiroz descreveu em suas obras, especialmente no que diz respeito às mulheres. É importante salientar que a exposição dessas temáticas é uma interpretação autoral de Rego, não tendo sido abordada da mesma forma por Eça. A técnica de Rego, aliada ao seu profundo entendimento das questões sociais exploradas por Queiroz, transforma suas telas em poderosos veículos de crítica social. Estabelecendo uma conexão entre o século XIX e a contemporaneidade, as pinturas de Paula Rego, inspiradas em *O Crime do Padre Amaro*, vão além de simples ilustrações, constituindo uma interpretação visual densa e complexa da crítica social presente na obra literária de Eça de Queiroz. Dessa forma, o legado de Rego contribui diretamente para a compreensão da sociedade portuguesa, enriquecendo a narrativa e mantendo viva a discussão sobre as questões sociais abordadas por Queiroz.

## 5.2 Como as Obras de Paula Rego contextualizam com a Legalização do Aborto em Portugal

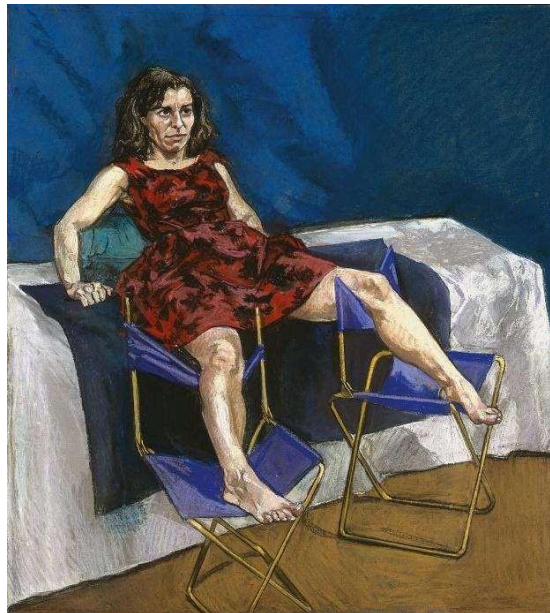
Como podemos ver, as obras de Paula Rego oferecem uma perspectiva única sobre a condição feminina e questões sociais, muitas vezes explorando temas delicados e controversos. No contexto da legalização do aborto em Portugal, analisar o trabalho de Rego com as transformações sociais e os debates em torno dos direitos reprodutivos através de seus quadros destaca que a luta pela autonomia e o direito de decisão sobre o próprio corpo não é um tema contemporâneo do século XXI. Em *Paula Rego: O Tempo – Passado e Presente ou a Pequena História da História da Pintura* (2012), os pesquisadores Susana Rua, Aura Barreto e Agnelo Vieira apontam que:

A análise da serialidade no *corpus* produzido por Paula Rego, sobretudo desde a década de 1980, permite identificar o universo feminino como o elemento, transversal e recorrente, que lhe confere homogeneidade. Donde inferimos, a serialidade tem no feminino, simultaneamente elemento unificador e de transgressão, o precursor sombrio – sendo a mulher (re)tratada com uma identidade inconstante e mutável, fixada por singularidades e elementos diferenciais que superam as inter-semelhanças (Deleuze, 2000: 440-1).

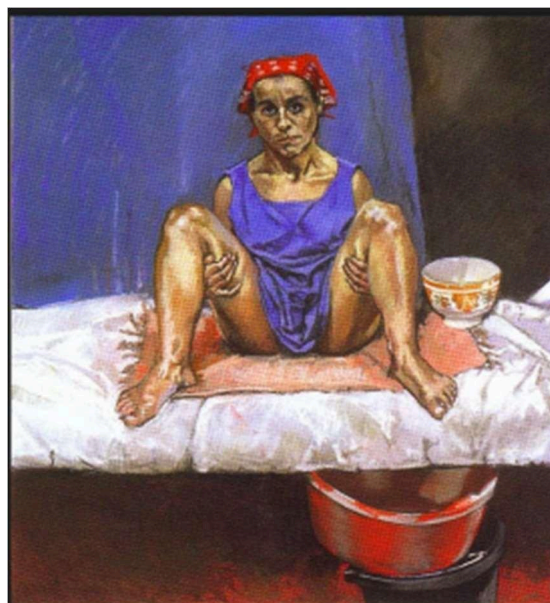
Por conseguinte, numa análise de conjunto pode-se concluir que, o elemento feminino estabelece a relação de semelhança e assume nesta série – através da auto-representação em *O Tempo – Passado e Presente* e em *O Sonho de José*, e do auto-retrato em *No Atelier* – uma dimensão autobiográfica. (BARRETO, RUA, VIEIRA, 2012, p. 163)

A série intitulada *Aborto* compreende uma coleção de dez pinturas a pastel a óleo, vibrantes em cores, e oito gravuras em água-forte em preto e branco. Essas peças, criadas no período entre 1997 e 2000, coincidem com a proeminência do tema na agenda política de Portugal. Segundo Raquel Pedro (2020), em 1997, a Assembleia da República promulgou uma emenda à lei de 1984, ampliando o prazo para a interrupção da gravidez em casos de malformação fetal ou violação. No ano seguinte, em 1998, foi decidido realizar um referendo nacional, no qual apenas 31% do eleitorado participou, e destes, 51% votou contra a despenalização do aborto. Essa decisão só seria revertida em 2007, quando um segundo referendo foi realizado, alterando os resultados anteriores. As gravuras de pequenas dimensões,

de fácil transporte, possibilitaram sua exposição itinerante pelo país, proporcionando à população uma visão da clandestinidade em que ocorriam os abortos.



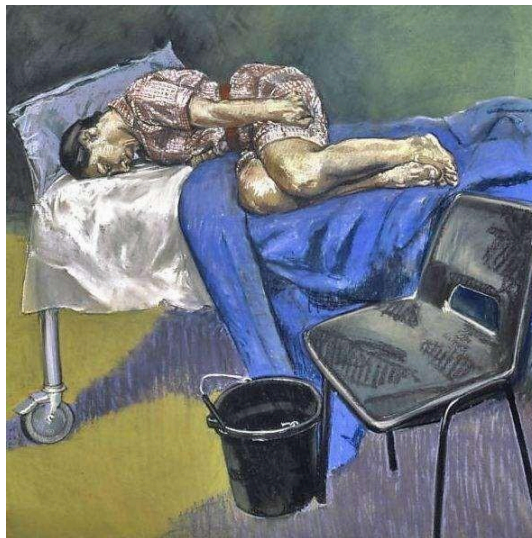
**Imagem 9:** Sem título, da série «Aborto». Paula Rego 1998. Imagem retirada do Instagram oficial da artista: <https://www.instagram.com/paularegostudio/>.



**Imagem10:** Sem título, da série «Aborto». Paula Rego 1998. Imagem retirada do Instagram oficial da artista: <https://www.instagram.com/paularegostudio/>

Uma obra emblemática que pode ser interpretada à luz desse tema é *A Salvação do Mundo*, onde Rego representa uma figura feminina forte e determinada. Essa peça, como muitas outras de sua coleção, convida à análise crítica da

condição da mulher na sociedade, incluindo a sua capacidade de fazer escolhas relacionadas à maternidade. Ao explorar a interseção entre as obras de Paula Rego e a legalização do aborto em Portugal, é possível perceber um diálogo entre a expressão artística e a evolução social. Suas criações anunciaram uma plataforma para a discussão aberta sobre questões relacionadas aos direitos reprodutivos, desafiando normas e inspirando reflexões sobre a autonomia das mulheres. Em suma, as obras de Paula Rego mudam para o entendimento das mudanças sociais em Portugal, oferecendo uma perspectiva artística sobre as complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres em relação à legalização do aborto. Paula aborda de maneira clara e expressiva a interseção entre a política do corpo e a política da arte. No entanto, sua reflexão vai além desse contexto específico. O percurso textual delineado centra-se em destacar a angústia da artista, juntamente com a dedicação e a apropriação de sua criação, para explorar uma variedade de temas que a provocam. Sua obra evoca tanto o aspecto aterrorizante quanto o belo da estética criativa.



**Imagem 11:** Sem título, da série «Aborto». Paula Rego 1998. Imagem retirada do Instagram oficial da artista: <https://www.instagram.com/paularegostudio>.



**Imagem 12:** Sem título, da série «Aborto». Paula Rego 1998. Imagem retirada do Instagram oficial da artista: <https://www.instagram.com/paularegostudio>.

A busca pela despenalização do aborto em Portugal foi impulsionada por uma série de eventos, e já era evidente que uma parcela significativa da população se confrontava com os problemas associados à sua clandestinidade. Isso incluía preocupações com as condições a que as mulheres se submetiam, as trágicas consequências para elas e os bebês, bem como as subsequentes criminalizações e condenações. Essa situação permitiu que muitas feministas passassem a participar mais livremente no movimento. O entrelaçamento entre realidade e ficção desempenhou um papel crucial na divulgação da chocante realidade enfrentada pela população. Isso gerou um sentimento de revolta em muitas pessoas, resultando no crescimento de organizações e movimentos sociais dedicados à defesa dos direitos das mulheres, além de se oporem ao fascismo e autoritarismo. A luta dessas mulheres não se limitou apenas aos seus direitos e à legalização do aborto, ela abrangeu também a defesa da liberdade de expressão, o acesso à cultura, a promoção da liberdade e a abolição da censura.

O contexto histórico e político da série "Aborto" é uma resposta direta ao referendo de 1998 sobre a descriminalização do aborto em Portugal, que manteve a prática como crime, exceto em casos específicos, perpetuando a clandestinidade e suas consequências. As obras de Rego denunciam a injustiça e a hipocrisia de uma sociedade que nega às mulheres o direito de escolha, permitindo que o aborto

ocorra em condições inseguras. Num período de intenso debate sobre os direitos das mulheres em Portugal, as obras de Rego apresentaram uma crítica emocional e feroz à política e à moralidade em torno do tema. A série foi amplamente elogiada por sua coragem e pela habilidade de capturar a complexidade emocional e política do aborto. O realismo brutal de Rego força o espectador a encarar a realidade sombria da clandestinidade, distanciando-se de investigações abstratas ou ideológicas. Seu trabalho se destaca por humanizar um tema frequentemente tratado de forma desumanizadora, especialmente em discursos políticos e religiosos. Paula Rego adota um estilo figurativo de realismo cru, rejeitando qualquer idealização da forma feminina para retratar mulheres em situações de dor física e emocional. Suas figuras são frequentemente mostradas em posições contorcidas ou subjugadas, evidenciando o sofrimento e o isolamento que essas mulheres enfrentam. O uso de núcleos escuros e neutros, aliado a fundos simplificados ou vazios, concentra o foco no corpo e na experiência feminina, reforçando a seriedade do tema. A série é repleta de simbolismo e crítica social, evitando retratar o aborto de forma sensacionalista ou politizada. Em vez disso, Rego oferece uma perspectiva intimista e humanizadora das mulheres que passam por essa experiência, refletindo a solidão que muitos enfrentam, sem apoio ou compreensão. Ao evitar idealizações, Rego também desconstrói noções tradicionais de feminilidade e beleza, apresentando uma narrativa autêntica e crua da realidade vivida por muitas mulheres.

As obras de Rego também podem ser vistas como uma ferramenta de resistência e mudança social, trazendo tom de dor, sofrimento e resiliência às mulheres, e provocando uma reflexão mais profunda sobre a necessidade de políticas públicas que respeitem seus direitos e dignidade. A série "Aborto", além de ser uma obra de grande impacto visual, é um grito de denúncia contra a opressão feminina e a hipocrisia social em torno do aborto. Com um realismo que não faz concessões, Rego coloca as mulheres e suas experiências no centro da discussão, desafiando os espectadores a confrontarem uma realidade frequentemente ignorada ou invisibilizada. Sua abordagem é simultaneamente política, social e profundamente humana, conferindo à obra relevância tanto no contexto artístico quanto no debate sobre os direitos das mulheres.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer as intrincadas camadas da obra de Paula Rego e sua interação com a tradição portuguesa, a presente pesquisa revela a profundidade do diálogo que a artista estabelece com a rica herança cultural de Portugal. Paula Rego, com sua paleta única e perspectiva singular, transcende as fronteiras da expressão artística, mergulhando em um universo onde a tradição e a inovação se entrelaçam. Seus retratos de mulheres, carregados de simbolismo e profundidade psicológica, ecoam as complexidades da sociedade portuguesa, desafiando normas e questionando as estruturas políticas e familiares impostas pelo Estado Novo. A influência literária é uma constante na obra de Rego, enriquecendo suas pinturas com camadas de significados literários. Em particular, a análise crítica das obras de Eça de Queiroz, como *O Crime do Padre Amaro*, revela a maestria com que Rego traduz as nuances culturais e sociais da narrativa literária para o meio visual. Ao abordar temas como a corrupção na igreja, a repressão sexual, as desigualdades de gênero e o aborto, nosso tema central, Rego amplia e enriquece as críticas sociais presentes nas obras literárias, proporcionando uma leitura visual complexa e perspicaz, além de contribuir para uma sociedade mais crítica.

A confluência entre a feminilidade, a reprodução e as estruturas familiares é explorada de maneira magistral por Paula Rego, especialmente em sua série "Aborto". Ao contextualizar suas obras com o processo de legalização do aborto em Portugal, percebemos a relevância contínua de suas reflexões sobre a condição feminina e os direitos reprodutivos. Suas pinturas não são apenas expressões artísticas, mas também veículos de discussão aberta e crítica social, desafiando normas e instigando reflexões profundas sobre a autonomia das mulheres em relação ao próprio corpo. A pesquisa evidencia que as obras de Paula Rego não apenas testemunham a vitalidade da cultura portuguesa, mas também contribuem diretamente para a compreensão das mudanças sociais no país. A artista, ao abordar temas controversos e delicados, vai além da mera representação estética, tornando-se uma voz provocativa que ecoa através do tempo, estimulando discussões sobre questões femininas, políticas e sociais. Em suma, Paula Rego emerge como uma figura importante na cena artística contemporânea, cujo legado transcende as fronteiras da pintura para se tornar um espelho crítico da sociedade portuguesa. Suas obras continuam a inspirar reflexões e

diálogos sobre questões fundamentais, consolidando-a como uma das artistas mais relevantes do panorama artístico contemporâneo português.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. L. **Mulheres Recipientes**: Recortes Poéticos do Universo Feminino nas Artes Visuais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- ALMEIDA, R. C. Adaptação e grotesco em Padre Amaro: Eça de Queirós e Paula Rego. **Terra Roxa e Outras Terras**: Revista de Estudos Literários, v. 41, p. 7-21, 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/44255>. Acesso em: 31 jan. 2024.
- ASSIS, M. E. A.; SANTOS, T. V. (Org.). **Memória Feminina**: Mulheres na História, História de Mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2016.
- CHADWICK, W. **Women, art, and society**. 5. ed. Londres: Thames & Hudson, 2012.
- CORREIA, M. L.; CERQUEIRA, C. Entrevista com Ruth Rosengarten. **Comunicação e Sociedade**, v. 32, p. 495-500, 2017.
- COSTA, C. V. **Eu Nunca Pinteí Sonhos. Eu Pinteí a Minha Própria Realidade**: Um Mapeamento dos Imaginários em Torno de Frida Kahlo. Dissertação de Mestrado. Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- CRIPPA, E. **Paula Rego - Uma Antologia**. Londres: Tate Publishing, 2004.
- DA MATA, C. M.; LUDWIG, C. R. A Metáfora do Corpo Em Hilda Hilst e Frida Kahlo. **Porto Das Letras**, v. 2, n. 3, p. 123-138, 2016.
- DIMAMBRO, N. Silenciamentos e Mainstream: Historiografia sobre as Mulheres na Arte. **XV Encontro Regional de História**, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- FARTHING, S. Tudo sobre Arte. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- GUERRA, S. As Coisas nas Margens: A Escrita das Mulheres na Obra de Paula Rego. **Experimentarte**, n. 5, Ano 3, jul./dez. 2017.
- HERRERA, H. **Frida**: A Biografia. São Paulo: Globo, 2011.
- HUTCHEON, L. **Poética do Pós-Modernismo**: História, Teoria, Ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LEMONS, Y. L. A. AbortArte: Paula Rego, Aborto, Arte, Política do Corpo. **Stylus Revista de Psicanálise Rio de Janeiro**, n. 40, p. 65-77, dezembro 2020.
- MATOS, M. I. S.; SOIHET, R. (Org.). O Corpo Feminino em Debate. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MCNEILL, P. S. Transferências Intersemióticas entre a Literatura e as Artes Plástica n'O Crime do Padre Amaro de Eça de Queiroz e de Paula Rego. **Dedalus** (Viagens Cruzadas), n. 14, 2010.

MENDES, J. M. S. **Alcácer-Quibir**: Uma Obra Têxtil de Paula Rego na Década de 1960. Dissertação (Mestrado em História de Arte Contemporânea) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

MENDES, J. M. **Introdução às Intermedialidades**. Lisboa: Escola Superior de Teatro e Cinema, 2011.

NOCHLIN, L. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Edições Aurora, 2016.

NUNES, T. Invisibilidade, Mitografia e Silenciamentos na Arte: Perspectivas Feministas na Historiografia da Arte. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 10, n. 17, 2021.

PEDRO, R. Representações Culturais do Aborto Clandestino em Portugal: Uma Análise Comparada. **Revista Criação & Crítica**, n. 27, p. 95-117, 2020.

PEREIRA, D.; BORTOLOTTI, K. F. (Org.). **História e Política**: Pensamentos Constitutivos e Críticos 2. Ponta Grossa: Atena, 2022.

REEF, C. **Jane Austen**: Uma Vida Revelada. Barueri: Novo Século Editora, 2014.

RODRIGUES, O. C.; ROMANINI, V. Guerrilla girls: representação feminina no mundo das artes e táticas para a transformação do paradigma patriarcal. **Semeiosis: Semiótica e Transdisciplinaridade em Revista**, v. 7, n. 1, p. 121-137, 2017. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002998620.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2024.

ROSENGARTEN, R. Paula Rego e o Crime do Padre Amaro. Lisboa: Quetzal Editores, Lisboa, 1999.

\_\_\_\_\_. Contrariar, Esmagar, Amar - A Família e o Estado Novo na Obra de Paula Rego. São Paulo: Editora Assírio & Alvim, 2009.

RUA, S.; BARRETO, A.; VIEIRA, A. Paula Rego: O Tempo – Passado e Presente ou A Pequena História da História da Pintura. **Revista de História da Arte**, n. 10, 2012.

SAMYN, H. M. A Figuração da Resistência: Quatro Jovens Mulheres Artistas em Diálogo com o Feminismo. **Revista Poiésis**, n. 25, p. 181-200, 2015.

SABIÁ, A. P. As Mulheres “Belas, Recatadas e do Lar” de Paula Rego. **Anais do IX Seminário Leitura de Imagens para a Educação: Múltiplas Mídias**, 20 de junho de 2016.

SIMIONI, A. P. C. Mulheres Artistas: Nos Salões e em Toda Parte. São Paulo: Arte132, 2022.

STEINER, W. La Antología Entre la Pintura y la Literatura. **Dialnet**, 2000.

TEDESCHI, L. A. Os Direitos Humanos e as Questões de Gênero. **Hist. R.**, Goiânia, v. 19, n. 3, 2014.

ZIRBEL, I. Ondas do Feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021.